

arquivo



administração

**PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS**

V. 9, N. 2, jul./dez. 2010



Fas. 75706 Clas. PER
Arquivo & Administração
v.9 n.2
jul./dez. 2010 ex.2

O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, fundada em 20 de outubro de 1971, com a finalidade de dignificar socialmente a profissão é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos – CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos – ALA.

Principais Objetivos

- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos, mesas-redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congressos, seminários, cursos e palestras;
- Cursos in company específicos para atender às necessidades da empresas.

Quadro Associativo

Podem ser admitidos como Sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.



**Associação dos
Arquivistas
Brasileiros**

aab@aab.org.br
Av. Presidente Vargas, 1733 - sala 903
CEP: 20.210-030 - Centro - Rio de Janeiro
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

arquivo & administração

v. 9, n. 2

jul./dez. 2010

SUMÁRIO

EDITORIAL	3	<i>Lucia Maria Velloso de Oliveira</i>
ARTIGOS	5	Os arquivos na sociedade contemporânea <i>Bruno Delmas</i>
	15	Conhecimento e educação para a sociedade dos arquivos <i>Tom Nesmith</i>
	31	Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos (Resenha de <i>Currents of archival thinking</i>) <i>Heloisa Liberalli Belloto</i>
	55	Arquivos públicos brasileiros: estudo dos processos de transferência da informação na internet e sua evolução <i>Anna Carla Mariz</i>

Arq. & Adm.

Rio de Janeiro

v. 9

n. 2

p. 1- 72

jul./dez. 2010

Copyright © 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Editoração eletrônica: Gustavo Monteiro

Catálogo na publicação (CIP)

Arquivo & Administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n. 0 (1972) -

Rio de Janeiro: AAB, 1972 -

v. : 23 cm.

Semestral

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

ISSN 0100-2244

1. Arquivo – Periódico. 2. Gestão de documentos – Periódico. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

Reg. 75906

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira
Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira
Tesoureiro: Maria Celina Soares de Mello e Silva

Conselho Editorial

José Maria Jardim
Lucia Maria Velloso de Oliveira
Maria Celina Soares de Mello e Silva
Paulo Roberto Elian dos Santos
Sérgio Conde de Albite Silva

EDITORIAL

O segundo número da Revista *Arquivo & Administração* apresenta ao seu leitor discussões recentes e que contribuem para literatura da área.

Seguindo nossa linha editorial de tradução de textos estrangeiros visando facilitar o acesso às discussões internacionais, neste número resgatamos duas conferências instigantes apresentadas no XV Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado na cidade de Santos (São Paulo) no período de 24 a 27 de agosto de 2010.

O professor da *École National des Chartes* (França), Bruno Delmas, abriu o Congresso com a conferência **Os arquivos na sociedade contemporânea**. O texto traduzido por Maria Celina Soares de Mello e Silva, arquivista do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT, trata da sociedade globalizada, do papel dos arquivos frente a nova realidade virtual, e cita os desafios mundiais dos arquivos, que estão no contexto da segurança, na confiabilidade dos dados, na conservação do material, no acesso e no respeito à vida privada. A outra conferência de autoria do professor da University of Manitoba (Canadá), Tom Nesmith, e traduzida pela arquivista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Lucia Maria Velloso de Oliveira com o título **Conhecimento e educação para a sociedade dos arquivos**, propõe a criação de uma sociedade dos arquivos, na qual estes possuem um lugar central. Nessa sociedade, os arquivistas devem articular-se mais com os usuários de forma a produzir uma maior compreensão dos arquivos e criar novas possibilidades de uso dos documentos arquivísticos. Essa nova realidade influencia a formação do profissional e propõe que o arquivo se torne um lugar de produção do conhecimento, e não apenas se limite ao fornecimento de informações.

O terceiro artigo da Revista *Arquivo & Administração* é a resenha produzida pela professora da Universidade de São Paulo, Heloisa Liberalli Bellotto, sobre o livro organizado pelos professores Terry Eastwood (University British Columbia) e Heather MacNeil (University of Toronto), *Currents of Archival Thinking*, publicado em 2010.

Este número se encerra com artigo da professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Anna Carla Mariz, **Arquivos Públicos Brasileiros: Estudo dos processos de transferência da informação na internet e sua evolução**, que apresenta resultados de pesquisa realizada em 2004 e em 2009, bem como a análise comparativa do quadro nos dois períodos.

Lucia Maria Velloso de Oliveira
presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros

por isso que eu lhes proponho ter em mente a nossa participação na noosfera.

Com a *internet* e o documento digital, poderíamos pensar que o fosso entre a escrita e a oralidade está abolido. Ambas utilizam os mesmos suportes de comunicação, mas os códigos e os usos tanto da linguagem escrita como da oral subsistem. O que se ressalta no mundo da oral, mensagens pessoais, *Facebook*, *Twitter*, *SMS* etc., coabitam aqui com a escrita tradicional que se refere ao que precisa ser fixado. Mas esta abordagem não deve esclarecer nossa escolha de seleção?

Para nos adaptarmos, é preciso ter a medida exata do momento e da época em que vivemos. Hoje, com o acesso de todos, por toda parte, a todo o momento, à escrita, à imagem e ao som, cada vez mais abundante e diverso, muda radicalmente a maneira que o homem vive e se vê no mundo. Uma unificação intelectual da espécie se delinea. Um mundo uniforme não vai se criar?

A noosfera não é somente uma camada superficial acima das particularidades de cada povo? Cabe precisamente aos arquivos guardar, difundir e valorizar as provas e os traços das culturas, das histórias e das línguas de cada povo. Eles são elemento essencial da conservação e da transmissão da diversidade cultural que é uma das condições de desenvolvimento pacífico do mundo.

Nós todos temos consciência da amplitude das mudanças da sociedade contemporânea, mas em qual nível está sua importância na história dos homens? Em geral, comparamos o que vivemos com a invenção da imprensa. Ela introduziu uma mudança de escala, quantitativa da escrita em relação à oral e seus efeitos foram lentos: a reforma no século XVI, a revolução científica no século XVII, o iluminismo no século XVIII, o positivismo no século XIX. Mas são realmente comparáveis? O que nós vivemos hoje não é de outra amplitude? Trata-se de uma mudança de natureza. As tecnologias da informação e da comunicação atuais, o advento da sociedade do conhecimento, a remodelagem do mundo que se opera, o lugar do homem no mundo não são, depois da invenção da palavra, depois da escrita, a terceira etapa da hominização numa terra dominada pela noosfera?

Agradeço a vossa atenção.

CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO PARA A SOCIEDADE DOS ARQUIVOS¹

Tom Nesmith

Archival Studies Program - Department of History
University of Manitoba - Winnipeg, Manitoba, Canada

Nosso tempo é um tempo de progresso e oportunidades extraordinárias para o arquivo, assim como de desafios importantes que podem enfraquecer seus ganhos e perspectivas. A forma como os arquivistas respondem aos desafios irá definir a habilidade dos arquivos em serem relevantes para as necessidades humanas. Nos últimos trinta anos, arquivistas em todo o mundo obtiveram grandes avanços. Eles têm uma compreensão mais sofisticada da teoria arquivística e das abordagens de seus trabalhos por meio da "macroavaliação", dos padrões de descrição, da pesquisa em gestão e arquivamento de arquivos digitais, e da formação universitária. Arquivistas agora sabem como conceituar e desenvolver seu trabalho em um nível mais alto do que anteriormente. O maior problema, portanto, são aqueles que não recebem apoio financeiro suficiente para que desenvolvam bem o seu trabalho ou mesmo cheguem a realizá-lo. Apesar de recentes e importantes ganhos, os arquivistas ainda possuem poucos recursos, estão vulneráveis às oscilações de orçamentos e sofrem com a incompreensão pública. De fato, muitos arquivistas simplesmente não podem cumprir seus mandatos, mesmos os legais, com os recursos de que dispõem. Acima de tudo, os arquivos estão ainda numa posição social, política e legal muito frágil.²

¹ Este artigo foi apresentado pela primeira vez no XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, em Santos, SP, Brasil, no dia 27 de agosto de 2010. Tradução de Lucia Maria Velloso de Oliveira.

² Embora este artigo não discuta literalmente a política para arquivos, o lugar dos arquivos na sociedade depende do suporte político que eles têm. Os arquivistas começaram a discutir as pressões políticas que enfrentam. Veja Margaret Procter, Michael Cook e Caroline Williams, eds., *Political Pressure and the Archival Record* (Chicago: Society of American Archivists, 2003). Os arquivistas ainda não começaram a estudar este importante tema profundamente ou não acharam maneiras efetivas de se engajar em atividades políticas para avançar nos objetivos arquivísticos. A história da política dos arquivos pode ser útil aqui. Para conhecer dois entre os poucos exemplos desse tipo de trabalho e duas diferentes experiências em política em arquivos: Bruce W. Dearstyne, "Archival Politics in New York State, 1892-1915", *New York History* 66, n. 2 (April 1985) e Ian E. Wilson, "One of the Closest and Truest of Friends I have Ever Had: Mackenzie King, Arthur Doughty, and the Public Archives of Canada", John English, Kenneth McLaughlin e P. Whitney Lackenbauer, *Mackenzie King: Citizenship and Community: Essays Marking the 125th Anniversary of the Birth of William Lyon Mackenzie King* (Toronto: Robin Brass Studio, 2002). King foi o primeiro-ministro canadense com maior longevidade no cargo (1921-26, 1926-30, e 1935-48) e um amigo próximo do diretor do Arquivo Nacional ou Público do Canadá que mais tempo ficou no cargo, Arthur Doughty (1904-35).

Estamos ainda longe do que eu chamo de *sociedade dos arquivos*, uma sociedade em que os arquivos sejam compreendidos, possuam bons orçamentos, funcionem com seu potencial máximo de uso e sejam considerados essenciais aos interesses da sociedade. O movimento de alguns itens da agenda arquivística no mundo é ainda lento. Ao invés de estarmos realmente arquivando documentos digitais das instituições, estamos focando simplesmente na pesquisa do problema. Muito ainda precisa ser feito para ampliarmos a abrangência dos arquivos em setores chave da sociedade, como nas corporações privadas e nos relacionamentos com indígenas; na forma de lidarmos adequadamente com os arquivos pessoais; na formulação de questões emergentes sobre o lugar dos arquivos nos relacionamentos com bibliotecas, museus e galerias; nas respostas às questões de direitos humanos e de justiça social; e na busca por uma rede de arquivos globalizada que facilite a pesquisa num mundo cada dia mais integrado. Para avançar nessa agenda, os arquivos vão precisar de mais apoio do que antes. Arquivar na *sociedade dos arquivos* deve ser visto como uma responsabilidade social, e não apenas uma preocupação de um grupo de arquivistas. Transformar o quadro atual nessa visão mais abrangente nunca foi tão importante.

A chave para avançar neste front variado está no esforço em colocar os arquivos no centro das preocupações da sociedade. Arquivistas dominaram o trabalho que deve ser feito *dentro* dos arquivos. Agora devem se engajar no trabalho que deve ser feito fora dos arquivos, junto com seus patrocinadores e a sociedade, se quiserem ganhar o suporte necessário para o trabalho arquivístico completo. Se os arquivos quiserem florescer na *sociedade dos arquivos* devem se tornar mais úteis para seus patrocinadores e para a sociedade. Para tal precisamos explorar um dos temas do Congresso Brasileiro de Arquivologia de 2010: o papel do arquivista na transformação da informação em conhecimento. Como Terry Cook, meu colega no Programa de Estudos Arquivísticos da Universidade de Manitoba, escreveu alguns anos atrás, “a busca pelo conhecimento, mais do que a busca pela informação, é a cruz dos estudos dos arquivos e o trabalho cotidiano do arquivista... Simplesmente, arquivistas precisam transcender a mera informação e o mero gerenciamento de informação, se quiserem procurar por e liderar outros na busca pelo ‘conhecimento’ e significado nos arquivos sob sua guarda”.³ Arquivistas precisam mensurar, explorar e explicar esse papel mais ativamente, e então os programas de ensino

³ Terry Cook, “From Information to Knowledge: An Intellectual Paradigm for Archives”, *Archivaria* 19 (Winter 1984-85), p. 49.

em Arquivologia podem dedicar mais tempo ensinando os estudantes sobre essa função e sobre a importância da pesquisa.

Felizmente hoje vivemos numa época propícia para isso, e podemos mesmo considerar como um desafio central da área. O universo de uso dos arquivos cresceu drasticamente nos últimos anos. Usuários dos arquivos estão empregando todo tipo de informação histórica, e de novas formas, de modo a atender importantes questões contemporâneas. Os usos acadêmicos históricos convencionais cresceram e se diversificaram, e estão agora reunidos a uma lista de outros usos acadêmicos: nas ciências humanas, sociais e até físicas como oncologia, genética e as ciências de meio ambiente e climática. Reuniu-se a estes pesquisadores um número rapidamente crescente de genealogistas e outros não acadêmicos, com *diversificados* interesses históricos. Mais do que antes, os arquivos também têm sido utilizados para fins de justiça social, seja para perseguir criminosos de guerra nazistas, para fins de compensação nos casos de violação de direitos humanos por regimes de repressão, ou para julgar as reivindicações dos indígenas e a proteção de seus direitos, somente citando alguns exemplos. E um novo conjunto de usos culturais dos arquivos surgiu nos últimos anos. Agora, como nunca antes, novelistas, autores teatrais, produtores de filmes, de televisão, emissoras de rádio, artistas e músicos procuram nos arquivos inspiração e informação. Embora o número de pessoas que procura os arquivos para pesquisar ainda não seja imenso, o número daqueles que diretamente ou indiretamente se beneficiam da pesquisa nos arquivos cresceu bastante. As vidas de milhões de pessoas podem ser afetadas pelas pesquisas feitas nos arquivos, mesmo que seja indiretamente, através do trabalho de poucos pesquisadores. Diante desta expansão dos usos dos arquivos, é razoável assumir que toda a área de conhecimento ou trabalho nos dias atuais produz documentos com uma dimensão arquivística de interesse para a contemporaneidade. E os arquivos não estão apenas sendo usados pelos novos tipos de pesquisadores acadêmicos, eles estão se tornando objeto de estudo em si mesmos para acadêmicos e figuras públicas. Os arquivos estão se movendo de uma posição remota e periférica de preocupações intelectuais sociais para um lugar mais central.⁴

⁴ São exemplos dessa direção: o último trabalho do filósofo Jacques Derrida - *Archive Fever: A Freudian Impression* (Chicago: University of Chicago Press, English language translation, 1996); o extenso volume interdisciplinar editado por Francis X. Blouin Jr. e William G. Rosenberg, *Archives, Documentation, and Institutions of Social Memory: Essays from the Sawyer Seminar* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006); e Cheryl Avery e Mona Holmlund, *Better Off Forgetting? Essays on Archives, Public Policy, and Collective Memory* (Toronto: University of Toronto Press, 2010).

Mas ainda estamos longe dessa meta. Quais direitos humanos e outros bens públicos não avançam porque os arquivos não foram capazes de realizar seu trabalho adequadamente ou porque muita gente ainda não vê os arquivos como relevantes para seus interesses? Qual problema ambiental ou de saúde tornou-se pior? Quais questões sociais ou legais se degradaram mais? Quais melhorias econômicas, pessoais ou de comunidades que se perderam? Nós sabemos mais sobre o bem que os arquivos fazem, mas isso simplesmente cria questões desconfortáveis sobre o que não foi feito e não pode ser mais feito porque arquivos valiosos foram destruídos, perdidos, desorganizados, danificados ou tornaram-se inacessíveis. E qual será o custo humano do fracasso geral do arquivamento dos últimos cinquenta anos ou dos arquivos digitais criados desde o nascimento da era da computação? Apesar do crescimento útil dos arquivos nos anos recentes, muitos não são reconhecidos como parte central da vida social, e assim não recebem o suporte necessário. Eles continuam amplamente invisíveis.

Por quê? E o que pode ser feito? Como podem os arquivistas acelerar a transformação de informação nos arquivos em conhecimento que agora vem tomando lugar em tantos campos e manter essa promessa? O problema aconteceu porque nós não cultivamos agressivamente novos usos dos arquivos. Até agora, eles são, em sua maioria, resultado de esforços dos próprios pesquisadores que descobrem o valor dos arquivos. Nós, os arquivistas, não falamos muito sobre o uso dos arquivos. Existem poucos artigos de arquivistas sobre os usos mencionados, e os que existem são em sua maioria veiculados dentro da literatura profissional de arquivistas. Existem alguns livros e conferências recentes, mas, novamente, para uma audiência de arquivistas.⁵

Os arquivistas não têm sido indiferentes ao cultivo de novos usos dos arquivos, mas raramente consideram o assunto como prioridade. Mais do que isso, suas abordagens

⁵ Bom exemplo de artigo recente na literatura arquivística, veja Jill Delaney, "An Inconvenient Truth: Scientific Photography and Archival Ambivalence" *Archivaria* 65 (Spring 2008). Discute o *Mountain Legacy Project* da *University of Victoria's School of Environmental Studies* (British Columbia, Canada). O projeto analisa as mudanças nas condições ambientais por meio do exame da evolução das formações paisagísticas nas montanhas rochosas canadenses. Compara fotografias históricas (algumas de meados do século XIX) com fotografias contemporâneas tiradas pela equipe do projeto. *The Library and Archives of Canada* trabalhou na localização dos arquivos fotográficos. Para saber mais sobre o projeto veja <<http://mountainlegacy.ca/>>. Exemplo do esforço de um arquivista (E. J. Hart) para ampliar o público dessa história veja Hart e Cliff White, *The Lens of Time: A Repeat Photography of Landscape Change in the Canadian Rockies* (Calgary: University of Calgary Press, 2007). Mais informação sobre os novos usos dos arquivos veja meu artigo "Re-exploring the Continuum, Rediscovering Archives", *Archives and Manuscripts* 36, n. 2 (November 2008). Uma das poucas conferências sobre os novos usos dos arquivos ocorreu no Congresso Anual de 2009 da *Association of Canadian Archivists* com o tema "Rights, Responsibilities, Trust: Archives and Public Affairs".

usualmente oferecem um convite geral a todos os usos dos arquivos, e então eles disparam informações básicas sobre os documentos e sobre os seus serviços para uma grande audiência. Essa ainda é uma abordagem passiva, em que os arquivos esperam que os usuários venham até eles, ao invés de persegui-los diretamente num esforço proativo contínuo. Embora arquivistas tenham desenvolvido e empregado sólido argumento para sustentar os arquivos, eles tendem a fazê-lo de maneiras muito gerais. Eles falam sobre o número e tipos de usuários em suas salas de leitura. Raramente há alguma discussão sobre o impacto significativo desses usos. Raramente algo sobre esse assunto é levado em detalhes ao público-alvo dos arquivos. Ao invés disso, o papel histórico, educacional e cultural dos arquivos é enfatizado, junto com a importância *geral* da gestão de documentos e do processo de arquivamento para a eficiência e eficácia gerencial. Mais recentemente, arquivistas destacaram o papel dos arquivos para apoiar *accountability*,⁶ democracia, boa governança e cidadania. Todas essas razões são relevantes para se apoiar os arquivos, mas são gerais e vagas. Dependem dos produtores de arquivos adotarem ideias nobres ou encararem as consequências punitivas. É necessário algo mais para fortalecer esse argumento; algo específico, prático e positivo.

Outra razão para essa relutância em enfatizar de forma agressiva o uso e perseguir novos usos para os arquivos pode estar enraizada no próprio entendimento dos arquivistas sobre os arquivos. Por mais de um século, o ideal dos profissionais de arquivo foi a preservação dos documentos para assegurar que seu propósito inicial ou original, significado e ordem fossem mantidos ao longo do tempo. Este é um objetivo essencial, mas pode limitar bastante o papel do arquivista na transformação da informação em conhecimento. Os arquivos podem ser melhor entendidos como lugares onde os documentos são *transformados* pelos arquivistas e pesquisadores, em apoio para um conjunto de propósitos além daqueles originais. O propósito original nunca deve ser obscurecido, mas, se é priorizado em relação aos outros, como tem sido feito na teoria arquivística convencional e na maioria dos sistemas de descrição desenhados de acordo com essa teoria, então outros propósitos, como explorar novos usos e criar novos usuários, se tornaram secundários ou, pior, irrelevantes. E essa marginalização do uso tem sido comum na história dos arquivos. Existe um paradoxo aqui. O papel do arquivista

⁶ O termo foi mantido em inglês uma vez que o conceito não pode ser traduzido para o português sem perda de sua força em sua língua original. *Accountability* envolve a transparência dos atos e processos, a prestação de contas, bem como a boa governança. Nota do tradutor.

deve ser o de transformar o documento histórico em algo útil para os patrocinadores dos arquivos e para a sociedade atual, mais do que desejar simplesmente preservá-los sem modificá-los, como o condutor de um único sentido. Mas para preservá-lo, seja fisicamente ou como o condutor de um significado original, arquivistas devem transformá-lo, ou encontrar novos significados ou propósitos que sejam relevantes ao máximo para as demandas atuais. Este crescimento na utilidade dos arquivos, então, creio, fará com que se consiga o apoio que assegurará que o significado original e os documentos sobrevivam (ou sejam preservados). Se os arquivos devem permanecer viáveis e relevantes, precisam constantemente ser abertos e reabertos, renovados e redescobertos para e por novos significados, usos e usuários⁷.

O que os arquivistas podem fazer para ampliar o significado dos documentos, ou estender um significado original e antigo para significados contemporâneos que sirvam a um grupo maior de usuários? Como podem os arquivistas enfatizar a transformação da informação contida nos documentos em conhecimento? Que conhecimento os arquivistas precisam ter para executar isso? Obviamente, é impossível para um arquivista ler e entender a totalidade dos conteúdos informacionais num oceano de documentos, ou a totalidade de temáticas de um número imensurável de campos de interesse dos usuários. Um encontro direto entre documentos e usuários, tendo como base um tema ou assunto, nem sempre é possível. E o quadro é pior quando mais arquivistas buscam novos assuntos de interesse enquanto seus pesquisadores são pouco familiarizados com arquivos ou mesmo nunca os utilizaram, ou quando nos movimentamos num mundo completamente interconectado em que os tópicos de pesquisas cruzam mais e mais fronteiras e culturas. Não é novidade que a informação de proveniência acerca da origem dos documentos, do contexto em que foram criados e seu desenvolvimento ao longo do tempo — em outras palavras, informação sobre a história dos documentos — é a base de nossa habilidade em transformar arquivos e informação em conhecimento.

Embora isso não seja novidade, nós não investimos muito tempo explorando como funciona o processo de inferir informações a partir de nosso conhecimento sobre os documentos e como ele pode ser melhor realizado.⁸ Nós perdemos mais tempo

⁷ Para saber mais sobre o tema veja meu artigo "Reopening Archives: Bringing New Contextualities into Archival Theory and Practice", *Archivaria* 60 (Fall 2005).

⁸ A clássica e moderna declaração sobre o papel acerca do conhecimento da proveniência é encontrada em David A. Bearman e Richard Lytle, "The Power of the Principle of Provenance," *Archivaria* 21 (Winter 1985-86).

debatendo abstratamente qual conhecimento sobre arquivos é importante do que de fato pesquisando seus papéis, dividindo nossas experiências entre nós, e tentando aumentar nossa capacidade de ler esta história mais efetivamente. Nós ainda não construímos uma literatura e nem dividimos nossa especialização sobre esse processo arquivístico chave — o de transformar em pesquisas as perguntas sobre como os arquivos foram feitos, arquivados e utilizados de forma que possamos ganhar tanto conhecimento quanto possível. E, com os pesquisadores, temos discutido ainda menos esse assunto. Embora a base de um sistema de descrição arquivística seja a história dos arquivos, nós raramente explicamos aos pesquisadores porque é assim, ou como utilizar esse conhecimento para localizar a informação. É rara essa atitude, mesmo na introdução a qualquer arquivo. Isto pode ser feito de forma mais efetiva com as ferramentas computadorizadas hoje disponíveis para auxiliar o pesquisador a navegar por alguns exemplos.

Para ajudar a tradução da informação nos arquivos em conhecimento, precisamos ser mais capazes de entender a relação entre as atividades humanas e sua comunicação ao longo do tempo. É necessário perseguir algumas questões sobre esse fenômeno. Para quem a sociedade designa suas funções principais ao longo do tempo — para qual mix de instituições e de pessoas da vida privada? Com quem eles comunicam sobre essas funções, e como? Em outras palavras, quais são os principais padrões de comunicação na sociedade? Como as condições materiais, os valores e meios de comunicação da sociedade moldam aquilo que pode ser registrado, comunicado, destruído, arquivado e usado? De que maneira os fatores sociais afetam o modo como as instituições funcionam de fato? Quais funções são desenvolvidas? Como? Em quais estruturas administrativas? Em quais sistemas de *recordkeeping*?⁹ E quais tipos de documentos? Quais são os padrões de comunicação das instituições? Como a informação é organizada por esses meios de comunicação? Quais mensagens são de fato permitidas, negadas ou acessadas devido à natureza do documento tecnológico? Como as instituições, e as pessoas em sua vida particular, arquivam suas comunicações? Como interagem com os arquivos? Como as decisões sobre o arquivamento podem moldar o que pode ser arquivado? Arquivar, em si, é um meio de comunicação que de certo modo determina os contornos do conhecimento.

⁹ O termo *recordkeeping* foi mantido em inglês uma vez que não é possível traduzir o seu conceito num único termo. *Recordkeeping* envolve um conjunto de atividades, processos e procedimentos adotados, uma vez encerrada a ação que dá origem ao documento, mas que ocorrem no ambiente do produtor, onde o documento precisa ser mantido, gerenciado, acessado, reproduzido etc. Nota do tradutor.

Como essa complexa cadeia de ações e comunicações evolui ao longo do tempo — criando novas configurações e padrões das ações e comunicações institucionais e pessoais —, com novos tipos de informações arquivadas e outras que não são mais arquivadas, e com novas maneiras de organizar estas comunicações? Tudo isso nos ajuda a conhecer o que foi comunicado, por quem, quando, como e porque, de modo que possamos ajudar outros a localizar os documentos, ampliar o entendimento de seus significados e criar novos significados de acordo com as demandas atuais.

O entendimento mais profundo da proveniência ou dos processos de contexto que moldam o documento de arquivo por toda a sua história (desde sua produção inicial, arquivamento e os usos feitos desse documento) é a chave para o constante abrir e renovar dos arquivos.¹⁰ É o que capacita o arquivista, mais do que qualquer outro conhecimento que ele tenha, a buscar o inesperado e desconhecido tipo de uso ou de usuário. Este último pode vir a ser (ou o uso pode ser sobre) grupos menos poderosos ou visíveis em nossa sociedade: os indígenas, o pobre, o oprimido, muitos dos quais podem ser pouco familiarizados com as instituições arquivísticas e altamente dependentes dos arquivistas para ajudá-los a achar o que pode estar enterrado nos arquivos ou obscurecido por uma terminologia enganadora, como por exemplo tendem a ser os arquivos relacionados a gays e lésbicas.¹¹ Isso também pode estar relacionado a como os arquivistas lidam com as questões globais e com as pesquisas desconhecidas baseadas em conexões inimagináveis entre variadas pessoas e lugares. Quanto mais numeroso, diversificado e mutável o grupo de usuário e seus assuntos de pesquisa sobre questões globais, maior deverá ser nossa compreensão dos processos de produção de arquivos, dos modos de comunicação e suas histórias, de maneira a ajudar a traduzir informação em conhecimento. A abordagem contextual

¹⁰ Exemplos de ênfases recentes no estudo desta história podem ser encontrados nas publicações originadas da série de conferências internacionais *History of Records and Archives*, lançada em Toronto no ano de 2003. Foram cinco no total. Os trabalhos apresentados na primeira das quatro mesas foram publicados nos números especiais da *Archivaria* 60 (Fall 2005), *Archival Science* 6, n. 3 e 4 (December, 2006) e 9, n. 1 e 2 (June 2009), e *Libraries and the Cultural Record* 44, n. 1 (2009). A sexta conferência será realizada em 2012, em Austin, Texas.

¹¹ Veja por exemplo o número especial do periódico *Archivaria* 68 (Fall 2009) dedicado às questões arquivísticas e às comunidades de gays e lésbicas: Sharon P. Larade e Johanne M. Pelletier, "Mediating in a Neutral Environment: Gender-Inclusive or Neutral Language in Archival Description", *Archivaria* 35 (Spring 1993); e Matt Houlbrook, "Lost in the Archive: A Postmodernist Speaks", trabalho não publicado e apresentado no Centro de Estudos Arquivísticos da *Liverpool University* em 7 de junho de 2006. Agradeço a Craig Gauld pela última referência.

oferece os melhores mecanismos para navegar por aquilo que já sabemos e possibilita a constante reabertura dos arquivos.

Embora esse conhecimento seja a base de nossos esforços para auxiliar os pesquisadores — e pelo menos alguns acham seu caminho em nossos sistemas descritivos oficiais ou por meio de atividades orais de referência —, não é o suficiente para nos conduzir à *sociedade dos arquivos*. O conhecimento tradicional capacita o arquivista a compreender qualquer pergunta, tanto de pesquisadores familiarizados ou de novos, mas não atrai novos usuários para os arquivos, uma vez que não persuade os pesquisadores de que os arquivos têm algo específico a oferecer. É necessário algo mais. Eu sugiro uma abordagem mais focada que crie novos usuários em nossas instituições e na sociedade em geral. Os arquivistas de instituições, por exemplo, podem começar a desenvolver pesquisa do perfil de suas agências, que descrevam os usos dos arquivos pela equipe da própria agência no passado. Parece estranho que arquivistas façam regularmente extensas análises de avaliação e produzam descrições formais dos arquivos de suas instituições, mas raramente (ou mesmo nunca) façam relatórios sobre os usos dos arquivos institucionais por seus patrocinadores. Ainda estou por ver, na literatura da Arquivologia, algum exemplo deste perfil ou das discussões sobre seu possível valor de pesquisa.

O perfil poderia não só ter informações sobre os usos dos arquivos, mas também avaliar sugestões ou possíveis usos. Ideias possibilidades de usos podem surgir de duas formas. Um questionário que circule entre as pessoas das instituições para que possam tomar conhecimento dos serviços de pesquisas nos arquivos e convidá-los a responder se eles usam os serviços ou se puderam usá-los, e, em caso positivo, qual o motivo. E esse questionário poderia ser seguido de um convite dos funcionários da agência para participar de uma discussão sobre os tipos de documentos dos arquivos e seus usos. São ações que podem levar à criação de um grupo de pesquisa na instituição, e que eventualmente contará com um arquivista. O grupo poderá se reunir algumas vezes no ano para trocar informações sobre os usos dos arquivos, organizar questões sobre os documentos de arquivo e explorar novas possibilidades de pesquisa. Idealmente, os arquivos ficariam então atualizados e rotineiramente aprenderiam sobre as iniciativas das instituições que possam ter uma dimensão de pesquisa arquivística. Os arquivos teriam a oportunidade de comentar sobre a disponibilidade e o valor dos

documentos para essas iniciativas individuais ou de outros arquivos. E os resultados seriam adicionados para enriquecer o perfil de pesquisa da instituição como futura referência. O sucesso dos arquivistas em realizar essa mudança de paradigma depende muito de suas habilidades em traduzir as temáticas das perguntas dos usuários da instituição em fontes de pesquisa.

Os arquivos institucionais (especialmente os arquivos de Estado), assim como os arquivos que focam os documentos pessoais, podem também criar novos usuários entre o público geral. O que pode ser feito através da organização de um pequeno grupo de trabalho que impulse uma iniciativa especial. O grupo deve concentrar-se em encorajar novos usos dos arquivos, ligados a prioridades públicas contemporâneas, como saúde, questões ambientais, desenvolvimento urbano ou relações sociais entre diversos grupos étnicos, religiosos e econômicos.¹² Em outras palavras, o foco deve ser o que importa para as pessoas no dia a dia. O grupo poderia preparar ou encomendar um estudo de como os pesquisadores de uma área selecionada (ou áreas) usam, e de como especificamente poderiam utilizar, os arquivos trabalhados. O objetivo seria cultivar a pesquisa da comunidade num campo determinado. Um arquivo poderia trabalhar junto com associações de comunidades para oferecer aos seus membros palestras sobre os usos dos arquivos (talvez em parceria com os especialistas de campo), oficinas sobre o uso dos arquivos, tours nos arquivos e outras ações promocionais utilizando a newsletter da comunidade, listas e jornais profissionais. A ênfase em apoiar um determinado grupo poderia ser oferecida por um tempo limitado, como um projeto piloto. Seria o pontapé inicial de uma iniciativa mais ampla. Desse modo, os arquivos avaliariam o projeto piloto e, se bem sucedido, convidariam as comunidades de pesquisadores a solicitarem o acesso aos serviços adicionais, introduzidos por um período limitado de tempo de forma a cultivar novos usos dos arquivos.

¹² The North Yorkshire County Record Office, no Reino Unido, oferece um exemplo pouco usual e inovador de um esforço de alcançar novos usuários. Em 2008 o Record Office organizou em conjunto com o serviço penitenciário britânico um projeto para utilizar internos do Northallerton Young Offenders' Institution, em North Yorkshire, para utilizar os arquivos no sentido de conhecer a história criminal, a punição e a instituição. Os internos prepararam uma exposição que foi exibida na instituição, em outros lugares e em DVD. James Towe, um arquivista do Record Office, escreveu que os internos desenvolveram habilidades de pesquisa, comunicação e tecnologia da informação. Ele acrescenta: "O projeto melhorou o perfil do serviço de arquivo e foi uma oportunidade de demonstrar o valor e a relevância dos arquivos, num cenário especial com um grupo excluído de nossas típicas salas de consulta." Veja James Towe "Changes in Society", *RecordKeeping* (December 2008), pp. 22-24. *RecordKeeping* foi publicado pelo Arquivo Nacional do Reino Unido buscando atingir arquivistas e gestores de documentos. Endereço do artigo: <http://www.nationalarchives.gov.uk/documents/recordkeepingdec08.pdf>

As associações profissionais têm um papel crucial na produção de novos usos dos arquivos. Eles se organizam em comunidades com interesses específicos dedicadas a questões internas profissionais. Seus membros poderiam ser encorajados a se organizar em torno da promoção de novos usos. Talvez fosse o caso de as associações designarem um membro executivo da diretoria para ficar responsável por iniciativas que promovam os novos usuários. Não conheço um membro executivo de associações de arquivistas que desempenhe essa função. O primeiro ato dessa atividade seria reunir um grupo para rever como as ações de promoção da associação poderiam ser orientadas de modo a enfatizar a descoberta de novos usos dos arquivos. Talvez uma reunião para recomendar uma pesquisa de como fazer isso. Também poderia ser sugerida a criação de grupos de pesquisas na própria associação sobre saúde, meio ambiente, indígenas, engenharia, direito, cultura (cinema, editoração, televisão), mídia, diversos campos acadêmicos, bibliotecas, museus, sítios históricos e galerias de arte. E os grupos de associações incluiriam os usuários. Esses grupos poderiam discutir um determinado uso dos arquivos e explorar novos usos. Talvez devesse ser preparada uma série de relatórios de necessidades e oportunidades por setores. Os grupos organizariam sessões de plenárias em torno destas questões nos congressos de arquivistas e, em especial, nos congressos dos usuários. Eles ofereceriam oficinas para novos usuários nos congressos dos pesquisadores, e também apoiariam os arquivos que desejassem se juntar ao projeto. As associações de arquivistas podem buscar contribuições para suas publicações junto aos novos usuários, talvez oferecendo questões mais recorrentes como temas, e que poderiam ser dedicadas a um diversificado grupo de pesquisa ou a um grupo específico. Arquivistas, por sua vez, deveriam publicar nos jornais de potenciais novas comunidades de pesquisa. Os temas deveriam oferecer um foco valioso para esses esforços.

A título de complementação, as associações profissionais poderiam fazer mais do que fazem atualmente para encorajar a criação de novos arquivos. Garantir que existirão arquivos responsáveis por um conjunto enorme de documentos que ainda não estão sob cuidados arquivísticos também é uma forma de desenvolver novos usos. Em setores corporativos, mesmo quando pertinentes ao interesse público, muitos se ressentem pela falta de arquivos, como a indústria farmacêutica e muitas instituições governamentais, do setor de atendimento ao público, como os hospitais. Faltam arquivos. Por que não identificar o setor e se engajar para expandir o número, a acessibilidade e a qualidade dos

seus arquivos? As associações profissionais pulam para defender os arquivos quando eles sofrem um grande corte de orçamento ou quando sua existência é ameaçada. Nós devemos fazer melhor. Devemos *iniciar* o desenvolvimento de arquivos mais do que reagir a ameaças, e monitorar as condições dos arquivos para tentar prevenir estes problemas.

Embora seja necessário buscar potenciais novos usuários, isso não é suficiente para responder ao desafio da expansão da base de usuários de arquivo, com o objetivo de construir a *sociedade dos arquivos*. Mesmo encontrando novos usuários, não atingiríamos todos os possíveis usuários. É preciso mais. Se nós devemos atingir um público mais diversificado, e que em sua maioria não é profissional ou constituído de pesquisadores experientes, precisamos desenvolver interfaces mais amigáveis com a nossa atual estrutura de sistema descritivo baseado em proveniência e em contexto arquivístico. Precisamos cobrir estas interfaces e torná-las amigáveis como forma de trazer para os arquivos este tipo de usuário, pois esses sistemas normalmente são confusos e os afastam. Os usuários provavelmente precisarão de interfaces que iniciam da forma como eles começam suas pesquisas – com pontos de acesso relevantes para suas experiências e compreensão. Nossa prioridade deve ser encontrar histórias ou narrativas sobre pessoas, lugares, eventos, instituições, objetos e compreensões do passado, e que levam as pessoas aos arquivos. E oferecer a eles links para conhecer o sistema descritivo dos arquivos e os documentos digitalizados.

Existem duas abordagens para isso, e ambas precisam do que minha colega de Estudos Arquivísticos da Universidade de Manitoba, Anne Lindsay, chama de ouvir mais dos usuários, ao invés de desenvolver ideias produzidas no círculo dos profissionais e implementá-las sem prestar atenção às perspectivas dos usuários.¹³ Uma maneira de ouvi-los é conectar a informação do dia a dia, procurando-a nas publicações, e relacioná-la aos materiais arquivísticos. O mundo das comunicações pode ser uma forma de indexar os arquivos. De certa forma, há algum tempo ele já vem servindo a este objetivo, mas no futuro digital isto pode ser bem mais efetivo. Livros em papel têm hoje notas de rodapé para fontes arquivísticas. Livros digitais podem ter links para as descrições arquivísticas em suas notas de rodapé e bibliografia. Poderíamos ir mais além e persuadir jornais e revistas digitais a adicionar links aos arquivos relacionados com artigos que publicam. As novas mídias geralmente mostram matérias históricas ou oferecem algum contexto

¹³ Agradeço Anne Lindsay por este insight e a Terry Cook por seus comentários.

histórico para as questões contemporâneas. Os links relevantes de materiais arquivísticos poderiam ser feitos nestas matérias para ajudar aqueles que gostariam de se aprofundar nos arquivos. E os programas de televisão, filmes e transmissões de rádio?¹⁴ Links aos arquivos poderiam ser relacionados a eles? Na seção “informações especiais” do DVD de um filme ou de uma série de televisão, poderíamos discutir mais sobre os materiais e instituições arquivísticas que os filmes e séries utilizaram, ao lado das conhecidas discussões sobre temáticas e personagens.

Poderíamos também utilizar compêndios de informações existentes como enciclopédias ou dicionários biográficos nacionais e regionais, mesmo *Wikipedia*, e colocarmos links arquivísticos em suas entradas? É possível oferecer uma visão geral de nossas instituições e sociedades, e criar links a partir de nomes, lugares e eventos chave dos acervos em nossos arquivos sobre eles? Esta visão geral seria de grande ajuda e faz falta nos nossos sistemas de descrição, que tradicionalmente levam os pesquisadores para um interesse específico ou a uma série. Pessoas iniciam naturalmente suas pesquisas a partir desses compêndios ou instrumentos gerais, e não se dirigem aos arquivos para prosseguir, mesmo que tenham vontade de fazê-lo, porque os links simplificados para os arquivos não estão lá. Arquivistas podem agora tentar capacitá-los a fazer isso de forma efetiva, especialmente com os meios tecnológicos disponíveis. Estes links podem levar os pesquisadores a encontrar resumos sobre o assunto de seu interesse baseados em materiais de arquivo e uma seleção de material digitalizado. E estes resumos podem servir adequadamente, porque a maior parte das pessoas não tem a necessidade de entrar nos sistemas descritivos ou no repositório do arquivo. Isso também possibilitaria os arquivos a disponibilizar conhecimento direto aos usuários, ao invés da forma indireta feita atualmente por meio dos pesquisadores e das instituições que disseminam o conhecimento sobre os arquivos em suas publicações e outros meios.

O modo direto de disponibilizar o conhecimento sobre os arquivos está por trás da visibilidade que bibliotecas, museus e galerias possuem em comparação com os arquivos. Eles têm uma situação muito melhor em termos de orçamento que os arquivos,

¹⁴ The Canadian Broadcasting Corporation (CBC), “Digital Archives”, trabalha nessa direção. Há material acessível na primeira página da CBC, e existe um grande número de *clips* dos arquivos desta televisão e dos programas de rádio referentes ao contexto histórico de diversos problemas contemporâneos no Canadá. Veja <http://archives.cbc.ca/>. O CBC Digital Archives recebeu o prêmio Philip M. Hamer and Elizabeth Hamer Kegan da Society of American Archivists (2008) por tornar conhecimento público os documentos arquivísticos.

pelo menos no Canadá, mesmo que dependam bastante dos arquivos para realizar seu trabalho.¹⁵ Igualmente é possível dar a opção ao usuário de se deslocar, por meio de pontos de acesso, para um sistema descritivo mais formal, baseado na proveniência, ou permitir que se entre diretamente. Pesquisadores poderiam ter a opção de acessar explicações detalhadas sobre os sistemas e como eles funcionam, para ajudar as pessoas a encontrar documentos e informações.¹⁶ Outra boa maneira de ouvir os usuários é envolver o desenvolvimento de uma abordagem mais participativa deles no trabalho arquivístico. Isto poderia ser um aspecto chave para perseguirmos novos usos entre o público em geral, como discutido acima. É um aspecto que foca aqueles que não foram literalmente os produtores dos arquivos, mas que estão documentados nos arquivos ou referenciados neles. Por exemplo com os indígenas, os arquivos poderiam convidá-los a dar uma orientação no desenho do arquivo e contar as histórias da comunidade e suas experiências pessoais, o que ajudaria na indexação e na perspectiva contextual da descrição dos documentos.¹⁷ Em outras palavras, quais seriam as questões iniciais para eles na compreensão de suas experiências, e como isto poderia crescer e se relacionar com outras questões iniciais discutidas anteriormente sobre os diversos links?

Que tipo de conhecimento e formação para os arquivistas nos conduzirá à *sociedade dos arquivos*? Se nosso maior desafio hoje é encontrar novas formas de integrar os arquivos às principais questões que preocupam nossos patrocinadores e a sociedade, então o conhecimento que os arquivistas precisam e a formação profissional que eles recebem devem prepará-los para tal. Os educadores não percebem isso, é claro, pois nossa ênfase tem sido outra, dirigida a definir e ensinar o corpo do conhecimento

¹⁵ Shelley Sweeney, "Lady Sings the Blues: The Public Funding of Archives, Libraries, and Museums in Canada", in Avery and Holmlund, *Better off Forgetting?* eds., *Essays on Archives, Public Policy, & Collective Memory* (Toronto: University of Toronto Press, 2010).

¹⁶ Sobre explicações gerais para pesquisadores e como o conhecimento contextual pode ser usado, veja meu texto "Reopening Archives". Para a discussão do tipo de informação sobre avaliação que poderia estar disponível para os pesquisadores, "Documenting Appraisal as a Societal-Archival Process: Theory, Practice, Ethics", in Terry Cook, *Documenting Society and Institutions: Essays in Honor of Helen Willa Samuels* (Chicago: Society of American Archivists, 2011).

¹⁷ Sobre um esforço pioneiro do State Records Authority of New South Wales para inserir os aborígenes australianos num projeto participativo, veja "In Living Memory", *Vital Signs* 9 (September 2006) e <<http://www.records.nsw.gov.au/state-records-gallery/in-living-memory/in-living-memory-exhibition>>. Consulte também Katie Shilton and Ramesh Srinivasan, "Participatory Appraisal and Arrangement for Multicultural Archival Collections", *Archivaria* 63 (Spring, 2007) e Michelle Rydz, *Participatory Archiving: Exploring a Collaborative Approach to Aboriginal Societal Provenance*, (MA Thesis, Archival Studies, Department of History, University of Manitoba, 2010).

arquivístico e a teoria de que o arquivista necessita para assegurar o funcionamento de qualquer arquivo. O resultado é que os arquivistas sabem muito bem como realizar o seu trabalho em um alto grau de sofisticação. Eles são capazes de encarar qualquer desafio. O problema é que normalmente não têm os recursos necessários para isso. Obviamente, os programas educacionais devem continuar a preparar os estudantes para atuar e crescer em seu trabalho, mas, como devemos buscar recursos, precisamos focar mais em satisfazer nossos patrocinadores e as principais demandas da sociedade, um processo que depende de transformar informação em conhecimento.

Sugeri que a transformação de informação em conhecimento depende de três pontos principais:

- I) Conhecimento mais profundo da história dos arquivos baseado na proveniência, de forma que possamos usar a compreensão dos padrões de comunicação para traduzir informação em conhecimento, e perseguir um uso não antecipado e mais complexo dos arquivos;
- II) Busca mais ativa de novos usuários nas instituições patrocinadoras de arquivos e na sociedade – não esperar que eles achem os arquivos, mas literalmente criá-los;
- III) Cobrir com uma interface mais amigável para o usuário o conhecimento profundo de contexto arquivístico em nossos sistemas descritivos, para melhorar o acesso ao conhecimento nos arquivos e ampliar seu público, especialmente para as minorias e o povo indígena, que talvez nunca tenham usado arquivos.

O conhecimento sobre o contexto histórico dos documentos de arquivo é a mistura de conhecimento sobre história (até o presente) da sociedade, dos responsáveis pelos arquivos, da comunicação e dos arquivos. Isto poderia ser reunido ao conhecimento das principais preocupações dos patrocinadores e dos segmentos da sociedade, como sistema de saúde, desenvolvimento econômico, justiça social e relações interculturais, e como arquivistas trabalham essas necessidades. Eu vejo o

arquivista como um ouvinte dessas vozes e necessidades, e como um coprodutor (com os usuários) do conhecimento que tenta alcançar. Isso não é diminuir outros aspectos do trabalho e da formação arquivística, porque uma vez que essa estratégia tenha sucesso, o trabalho de coprodutor do arquivista terá que ser aprimorado para que se atenda às necessidades da *sociedade dos arquivos*.¹⁸

¹⁸ Outro trabalho com a mesma abordagem, formação arquivística, empregada no programa de mestrado da Universidade de Manitoba, Archival Studies, veja meu artigo "Hugh Taylor's Contextual Idea for Archives and the Foundation of Graduate Education in Archival Studies", in Barbara Craig, *The Archival Imagination: Essays in Honour of Hugh A. Taylor* (Ottawa: Association of Canadian Archivists, 1992); "Professional Education in the Most Expansive Sense: What Will the Archivist Need to Know in the Twenty-first Century?" *Archivaria* 42 (1996); "Learning to Think Archivaly: Thesis Research in the Archival Studies Program at the University of Manitoba", *Archivaria* 55 (2003); e "What is an Archival Education?", *Journal of the Society of Archivists* 28, n. 1 (April 2007). Para uma contribuição de Terry Cook dentro da abordagem da Universidade de Manitoba, veja seu texto "The Imperative of Challenging Absolutes" in Graduate Archival Education Programs", *American Archivist* 63 (2000), um número especial dedicado aos programas de graduação em diversos países.

REFLEXÕES E MUDANÇAS NO MUNDO DOS ARQUIVOS (Resenha de *Currents of archival thining*)

Helóisa Liberalli Belloto

Universidade de São Paulo

EASTWOOD, Terry & MACNEIL, Heather, ed. *Currents of Archival Thinking*. Santa Barbara, Denver, Oxford, ABC-CLIO, 2010. 254p. (acessível como e-book por meio de: www.abc-clio.com).

Com a louvável intenção de explorar o desenvolvimento, as tendências e os rumos do moderno pensar arquivístico sobre a natureza e os objetivos dos arquivos, tanto quanto o do papel dos profissionais e das instituições da área no concernente à preservação do patrimônio arquivístico, dois dos mais notáveis arquivistas canadenses da atualidade, os professores e pesquisadores Terry Eastwood da Universidade da Columbia Britânica e Heather MacNeil da Universidade de Toronto, convidaram alguns especialistas a refletirem e a opinarem sobre a questão. Desses textos resultou a obra que traz o significativo título de *Currents of Archival Thinking*.

Sendo os autores por eles convidados originados dos Estados Unidos, da Irlanda, do Canadá, da Inglaterra e da Austrália, a obra acaba por evidenciar uma determinada "linha" do pensar arquivístico que, se de um lado, tem sido bastante elucidativa e enriquecedora para nós em seus contornos mais universais, de outro, apresenta fortes marcas do saber e do fazer arquivísticos característicos do mundo anglófono. Algumas dessas marcas são dissonantes da nossa sistemática, mesmo que não totalmente oponentes a ela. A mais evidente dessas dissonâncias é a distinção entre as áreas dos records *managers* e a dos *archivists*, distinção e fosso esses, hoje em dia felizmente em cheque naqueles países. Ali, profissionais, produtores e usuários, têm-se dado conta do quanto ganha a arquivística com a integração da pretensa dualidade profissional e com a aceitação e o reconhecimento plenos da continuidade da teoria do "ciclo de vida dos documentos", da "arquivística integrada" ou a do "continuum" dos documentos de arquivo. Sobretudo na Austrália já se compreende a importância da "união" das duas profissões anteriormente



**Associação dos
Arquivistas
Brasileiros**